

É ENSINAR A PENSAR CRITICAMENTE A HISTÓRIA DE ANGOLA OU TRAMAR A CONSCIÊNCIA NACIONAL NOS ALUNOS?

Is it teaching students to think critically about Angola's history or shaping their national consciousness?

Antônio Pedro Fernandes Maria – Universidade Estadual do Maranhão/Brasil

RESUMO: A pesquisa começa com uma pergunta de partida: “É Ensinar a pensar criticamente a história de Angola ou tramar a consciência nacional nos alunos? ”. Tem como objetivo, refletir sobre o desenvolvimento do pensamento crítico e a construção da consciência nacional durante a aula de História. Quanto abordagem a pesquisa, é do tipo qualitativo, na qual utilizamos o método de revisão bibliográfica e o método análise-síntese. Com base na revisão bibliográfica, conseguimos identificar fundamentos teóricos que sustentam o pensamento crítico e a construção da consciência nacional durante a aula de História. O método análise-síntese nos serviu para selecionar e refletir sobre as informações relevantes para nossa pesquisa no sentido de possibilitar maior compreensão do desenvolvimento do pensamento crítico, da construção da consciência histórica e da construção da consciência nacional durante a aula de História. Os fundamentos teóricos que sustentam o desenvolvimento do pensamento crítico no ensino-aprendizagem da disciplina de História, envolvem várias abordagens que chamam atenção aos professores de História no sentido de formarem cidadãos capazes de analisar, questionar e interpretar criticamente o passado para se perspectivar um futuro consciente e melhor. As estratégias apresentadas para o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos na disciplina de História, poderão incentivar a criatividade do professor de História em adoptar mecanismo para que os alunos em suas aulas possam ser sujeitos do processo de ensino-aprendizagem da disciplina de História.

Palavras-chave: Pensar criticamente. História de Angola. Consciência nacional.

ABSTRACT: The research begins with an initial question: ‘Is it teaching students to think critically about the history of Angola or shaping their national consciousness?’ Its objective is to reflect on the development of critical thinking and the construction of national consciousness during history lessons. The research approach is qualitative, using the bibliographic review method and the analysis-synthesis method. Based on the literature review, we were able to identify theoretical foundations that support critical thinking and the construction of national consciousness during history classes. The analysis-synthesis method helped us to select and reflect on information relevant to our research in order to enable a greater understanding of the development of critical thinking, the construction of historical consciousness, and the construction of national consciousness during history classes. The theoretical foundations that support the development of critical thinking in the teaching and learning of history involve various approaches that draw the attention of history teachers to the need to educate citizens who are capable of analysing, questioning and critically interpreting the past in order to envisage a conscious and better future. The strategies presented for the development of

critical thinking in students in the discipline of History may encourage the creativity of history teachers in adopting mechanisms so that students in their classes can be subjects of the teaching-learning process of the discipline of History.

Keywords: Critical thinking. History of Angola. National consciousness.

1. INTRODUÇÃO

Pensar criticamente é uma das habilidades mais valiosas na construção do conhecimento histórico e na tomada de decisões conscientes, proporcionando ao indivíduo a capacidade de interpretar, avaliar e aplicar informações de maneira ajuizada. Seu desenvolvimento vai além da simples capacidade de julgar: é um processo que abrange a reflexão e a análise fundamentada. No contexto social e educacional, estimula a colaboração e a resolução de problemas de maneira criativa e ética, capacitando indivíduos a tomarem decisões fundamentadas e a questionarem ideias e práticas que possam limitar o progresso humano. Assim, a construção do pensamento crítico se apresenta como um elemento transformador, essencial para lidar com os desafios do mundo atual e para a formação de cidadãos capazes de contribuir de forma significativa em suas comunidades (Freire, 1996; Dewey, 1938).

O objetivo do processo de ensino-aprendizagem da disciplina de História deve ser um equilíbrio entre o desenvolvimento do pensamento crítico e a construção de uma consciência nacional, não sendo necessário escolher para o aluno um caminho em detrimento do outro. O pensamento crítico permite aos alunos analisar de maneira mais profunda os acontecimentos e os fatos históricos, enquanto a consciência nacional ajuda ao aluno compreender a identidade e o contexto do seu país (Cerri, 2011).

Possibilitar que os alunos desenvolvam habilidades para pensar a História, permite que eles construam uma visão crítica a respeito do mundo ou da sociedade que os rodeia.

O artigo tem como objetivo: Refletir sobre o desenvolvimento do pensamento crítico e a construção da consciência nacional durante a aula de História. Para consecução do objetivo geral, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

É Ensinar a Pensar Criticamente a História de Angola ou Tramar a Consciência Nacional nos Alunos?

1. Descrever os fundamentos teóricos que sustentam o desenvolvimento do pensamento crítico, a construção da consciência nacional e a consciência histórica durante a aula de História.

2. Propor algumas estratégias para o desenvolvimento do pensamento crítico na disciplina de História no ensino primário de Angola.

Trouxemos essa problemática, porque ao longo do período em que fomos alunos em Angola, constatamos alguns professores de História influenciado pela ideologia do Partido no poder, foram influenciando os alunos para a sua ideologia partidária, verificando-se ambiguidade entre ideologia do partido no poder e a consciência nacional, dificultando a construção da consciência histórica nos alunos. A consciência histórica trabalha como maneira de orientação nas situações reais da vida presente, tendo como função específica ajudar-nos a compreender a realidade passada para compreender a realidade presente (Schmidt; Garcia, 2005).

2. MATERIAL E MÉTODO

O presente estudo enquadra-se numa abordagem de natureza qualitativa, ancorada no paradigma interpretativo, que, conforme Denzin e Lincoln (2006), privilegia a compreensão dos fenômenos sociais a partir dos significados construídos nos seus contextos. Essa opção metodológica justifica-se pela natureza do objeto de estudo, centrado na análise do desenvolvimento do pensamento crítico e da consciência nacional no ensino de História.

Recorreu-se ao método de revisão bibliográfica, entendido como um procedimento sistemático de levantamento, análise e interpretação de produções científicas, conforme Gil (2008), permitindo identificar a construção de uma base teórica consistente, com recurso a autores que discutem o pensamento crítico e a formação da consciência histórica e nacional.

Por sua vez, o método de análise-síntese, fundamentado em Marconi e Lakatos (2010), possibilitou a seleção, organização, interpretação e integração das informações mais relevantes, favorecendo uma leitura crítica e articulada dos dados teóricos levados.

Para a obtenção dos resultados da pesquisa, procedeu-se à leitura e análise de diversas obras científicas que abordam o pensamento crítico e a construção da consciência nacional no contexto das aulas de História. Paralelamente, foram consultadas obras

relacionadas com o processo de ensino-aprendizagem em geral e com as metodologias específicas do ensino da História. A análise dessas fontes permitiu selecionar os conteúdos teóricos e pedagógicos mais pertinentes para a fundamentação do estudo. Neste trabalho apresentam-se duas estratégias de ensino que podem contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico nos alunos da 6ª classe: a Aula em Grupo e a Criação de Jornal Mural.

No processo de elaboração dessas estratégias pedagógicas, procedeu-se igualmente à consulta do programa da disciplina de História e do manual de História da 6ª classe, que corresponde à classe final do ensino primário em Angola. A escolha desta classe justifica-se pelo facto de representar uma etapa de transição para o 1º ciclo do ensino secundário. Neste nível de escolaridade, torna-se fundamental que os alunos consolidem os conhecimentos adquiridos na 5ª classe e desenvolvam competências cognitivas que facilitem a continuidade do processo de aprendizagem no nível seguinte de ensino. Assim, considera-se que nesta fase os alunos devem começar a fortalecer de forma mais consistente o pensamento crítico e a consciência nacional, competências essenciais para a formação de cidadãos conscientes, participativos e comprometidos com a realidade sociocultural do país.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Desenvolvimento do pensamento crítico no ensino da História

Antes de avançarmos para outras abordagens, temos os seguintes objetivos gerais da disciplina de História no ensino primário angolano:

Inserir o aluno na realidade social, política e cultural que o rodeia; Conhecer as expressões do património histórico e cultural; Integrar as noções de espaço e de tempo em torno de situações concretas do passado próximo; Contribuir para a formação moral e cívica dos alunos; Desenvolver a criatividade, a sensibilidade e a capacidade de expressão; Dominar técnicas elementares de pesquisa e organização de dados; Desenvolver a capacidade de análise, crítica e síntese; Estimular atitudes de rigor na abordagem da realidade histórica, através da utilização de um vocabulário adequado; Desenvolver atitudes de respeito e tolerância face a ideias, crenças, culturas, opiniões e valores diferentes dos outros; Desenvolver o espírito de patriotismo, de respeito pelos símbolos nacionais e pelas instituições do Estado (Departamento do Ensino Geral, 2012, p.57).

É Ensinar a Pensar Criticamente a História de Angola ou Tramar a Consciência Nacional nos Alunos?

Com base a estes objetivos gerais da disciplina de História no ensino primário é possível trabalhar a consciência nacional nos alunos usando como base o pensar crítico ou pensamento crítico e a consciência histórica, mas muitos professores falham na elaboração dos objetivos específicos da aula de História em que são levados pelo doutrina partidária do partido que governa Angola, limitando assim o aluno a ter uma única visão da História de Angola e de África, principalmente quando se trata da luta pela libertação de Angola. Os objetivos gerais presente no currículo do ensino primário dão abertura para o ensino crítico e reflexivo, infelizmente muitas vezes estas teorias nunca chegam à prática por conta da defesa de uma história hegemônica, em que o local do aluno pouco de faz sentir e alguns conteúdos não refletem aos objetivos gerais plasmados nos programas de História do ensino de base.

No período (década de 80 e 90) em que fomos alunos no ensino de base em Angola, havia pouca abordagem crítica no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de História; só sentimos a criticidade no processo de ensino-aprendizagem de História no ensino médio e na universidade; o ensino de base foi marcado por círculo fechado em que tinha que se seguir o parecer elaborado pelo professor com pouca possibilidade do contraditório, as aulas eram tradicionalmente expositivas para invisibilizar as ideias dos alunos e transmitir os “ideias nacionais” na passividade.

O ensino de História desempenha uma função determinante na evolução do pensamento crítico, pois coloca os alunos a diferentes perspectivas, situações e dilemas históricos, incentivado a análise, o questionamento e a reflexão sobre o mundo e a sociedade que os rodeia. Ajuda os alunos a desenvolver a capacidade de avaliação e interpretação de informações fornecidas pelas diferentes fontes, sendo a História uma ciência que trabalha com diversas fontes. Possibilita o aluno identificar diferentes perspectivas de abordagem (Rüsen, 2001; Carretero, 1997). O estudo da História, possibilita os alunos a perceberem a complexidade dos fenômenos históricos e a não julgá-los com base em padrões atuais.

Fonseca (2003, p.18) afirma que “a proposta de metodologia de ensino de história que valoriza a problematização, a análise crítica da realidade, concebe alunos e professores como sujeitos que produzem histórias e conhecimentos em sala de aula”. A sala de aulas não é somente um espaço de transmissão de conhecimentos históricos, mas também é um espaço de produção de saberes históricos. No ensino da história, o aluno

não deve ser considerado como uma tabua rasa em que o professor vem com conteúdo para impor no aluno, é preciso que haja um intercâmbio, sendo o professor orientador e facilitador do conhecimento, mediando a relação entre o aluno e o conteúdo, e incentivando a construção ativa do aprendizado.

Construir consciência nacional em sala de aula não significa não dar possibilidade de escolha ao aluno ou refutar ideologias do pensamento nacional. O desenvolvimento de um senso de identidade nacional no processo de ensino-aprendizagem não deve ser confundido com a imposição de uma única visão ou a eliminação da autonomia do aluno. Promover o patriotismo em sala de aula não implica em limitar o pensamento crítico ou impedir que os alunos explorem diferentes perspectivas e ideologias. É importante que o professor de História não leva os alunos ao chauvinismo que é um nacionalismo fanático, um patriotismo exacerbado, em que o ensino de história se manifesta como uma abordagem tendenciosa que prioriza a glorificação da própria nação ou cultura em detrimento de outras, e que pode levar a uma visão distorcida da história ou incompleta do passado (Barbosa, 2015).

Para que surjam novas leituras e releituras históricas referentes aos fatos oficiais é importante termos conhecimento da história dos outros povos e do nosso povo, a qual nos fornece as bases para compreender o nosso futuro e permite-nos o conhecimento de como aqueles que viveram antes de nós equacionaram as grandes questões humanas (Mass; Silva, 2021).

O ensino de história vai além da memorização de nomes de “heróis” e datas, é uma constante descoberta, é análise dos fatos registrados no passado. Estudar história não é descobrir respostas prontas, mas antes saber perguntar. Pois é através dela que pessoas compreendem a vida e seus papéis na sociedade. Nesse processo, o papel do professor, é de estimular os diferentes saberes nos alunos através da análise, pesquisas e comparações, para que este ganhe gosto de ir em busca de novos conhecimentos para assim interagir na realidade em que vive, proporcionando o desenvolvimento do pensamento crítico (Mass; Silva, 2025).

É necessário também, que o professor crie situações para que o aluno desconstrua a ideia de que o professor é o detentor do saber, aquele que só transmite conteúdo, mas que o aluno se convença que o professor é um mediador que deve orientar o processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, “o Ensino de História, portanto, não é dar algo a quem não tem, não é dar saber ao ignorante, mas é gerenciar o fenômeno pelo qual saberes

históricos são colocados em relação, ampliados, escolhidos e modificados” (Cerri, 2009 p.154).

A interação do desenvolvimento pensamento crítico acontece desde o nascimento com a família, comunidade e a sociedade a qual fazemos parte, cenário a qual somos expostos contribui para a construção e desenvolvimento dos seres pensantes que somos, como afirma Fischer:

O pensamento crítico racional é a capacidade e a disposição do indivíduo para avaliar questões. Essa capacidade é um objetivo a ser alcançado e aperfeiçoado pelo ser humano desde o princípio de sua existência; contudo, todo o ser humano é capaz de pensar racionalmente e criticamente, visto que a habilidade é inata (Fischer, 2020, p. 73).

Por isso, ninguém vai à escola sem sabendo nada sobre o mundo ou a sociedade que o rodeia. Vamos a escola para desenvolver ou aperfeiçoarmos o nosso pensar crítico.

3.2 Construção da consciência nacional através do ensino da História

O processo de ensino-aprendizagem da História desempenha um papel importante na construção da consciência nacional, ajudando a forjar cidadãos críticos e conscientes de suas origens, sua identidade e do contexto em que vivem. Ao entender a história de seu país, os alunos desenvolvem um senso de pertencimento, identificam padrões de comportamento social e político que lhes leva até mesmo evitar repetição de erros históricos. Por isso, construir consciência nacional com os alunos em aulas de História não significa repassar um pensamento absolutamente arquitetado pelo ministério da educação para transmitir ao aluno. Precisamos ter em mente que, também o aluno tem uma ideia a contribuir no pensamento ideológico da nação; o nacionalismo é um processo de construção coletiva, no qual se solidifica uma identidade nacional através da construção de tradições, memórias coletivas, símbolos e histórias compartilhadas. Essa construção busca criar um laço de pertencimento e coesão entre as pessoas, unindo-os em torno de uma ideia de nação.

Dizer que o próprio termo nação gera tantos debates em que encontramos muitas definições sobre a palavra, embora existam algumas semelhanças na construção de determinadas nações. O termo tem sofrido algumas adequações na atualidade, tendo em conta a constituição histórica dos povos que compõem um determinado país. Por isso, na construção da consciência nacional em aulas de história é necessário haver espaço de

diálogo entre os alunos e professor para em conjunto possam continuar a construir a nação, sendo um processo permanente.

As primeiras explicações sobre o que seria uma nação se pautavam sobretudo em algumas características específicas. Bobbio aponta para definições de nação como “grupo de pessoas unidas por laços naturais e portanto eternos”, a “grupos que teriam em comum determinadas características, tais como a língua, os costumes, a religião, o território, etc.” (Bobbio et. al., 1998, p. 796).

Para Renan, “uma nação é uma alma, um princípio espiritual” (Renan, 1997, p. 173). Seria, portanto, uma espécie de desenvolvimento de um sentimento comum, decorrente de um binómio passado-presente que envolveria uma herança gloriosa e sofrimentos em comum, além da vontade também comum de querer fazer mais coisas grandiosas (Mide, 2022). Em suas palavras Renan afirma:

Uma nação é, portanto, uma grande solidariedade, constituída pelo sentimento dos sacrifícios que se fizeram e que ainda se fariam. Ela supõe um passado, mas se resume no presente a um fato tangível: o consenso, o desejo claramente expresso de continuar a vida comum (Renan, 1997, p. 173-174).

Nota-se que o conceito de nação ainda está em aberto, e não é objetivo deste estudo fixar seus limites. A subjetividade inerente aos estudos históricos, exige uma abordagem mais aberta e dialogística em sala de aula, permitindo que os alunos discutam os acontecimentos e os fatos históricos a partir de diferentes perspectivas. Abertura ao debate não só enriquece a compreensão do conteúdo, mas também desenvolve a capacidade crítica e analítica dos alunos, desenvolvendo deste modo, uma consciência nacional sólida e consciente.

A consciência nacional não deve ser construída por meio de manipulações ou imposição, mas sim cultivada na liberdade de pensamento. Isso significa que a identidade nacional deve emergir naturalmente, através do livre debate de ideias, da diversidade de opiniões e da participação ativa dos cidadãos. A construção de uma consciência nacional autêntica, requer um ambiente onde o pensamento crítico e a expressão individual sejam valorizados e protegidos.

A formação do senso crítico inclui a capacidade de se envolver em questões de relevância pública. Os professores devem incentivar os alunos a participar ativamente do debate democrático, a expressar suas opiniões de maneira articulada e a se envolver em

É Ensinar a Pensar Criticamente a História de Angola ou Tramar a Consciência Nacional nos Alunos?

atividades cívicas. Isso não apenas fortalece a democracia, mas também permite que os alunos coloquem em prática os valores e princípios que adquiriram durante sua formação.

É importante destacar que a formação do senso crítico não é uma jornada solitária. Ela requer um ambiente educacional que promova a discussão aberta, o respeito às diferenças e a valorização do pensamento independente. Os professores desempenham um papel crucial na criação desse ambiente, incentivando a curiosidade intelectual, desafiando suposições e demonstrando a importância do pensamento crítico na resolução de problemas complexos (Perim et. al., 2025).

A formação do senso crítico no processo de ensino-aprendizagem tem como horizonte não apenas a aquisição de conhecimento, mas também processos de humanização e transformação social. Ela capacita os indivíduos a desafiar o senso comum, a buscar soluções inovadoras para os problemas da sociedade e a trabalhar para um mundo melhor. É, portanto, uma parte essencial da formação para a cidadania em seu sentido mais amplo e significativo (Perim et. al., 2025).

Desenvolver habilidades de pensamento crítico é essencial para preparar os alunos não apenas para compreender o mundo complexo que os cerca, mas também para enfrentar os desafios da vida de maneira informada e eficaz. No entanto, essa habilidade valiosa não surge por si só; requer um ambiente educacional propício e o papel estratégico dos professores de História (Perim et. al., 2025).

A história da luta pela descolonização de Angola é um exemplo claro que dificulta o pensamento crítico dos alunos em sala de aula, porque geralmente os professores de História se apegam na versão do partido que proclamou a independência de Angola, quando existem muitas versões sobre este fato histórico que precisam de um espaço na sala de aula. Existem as versões dos partidos de libertação de Angola, as populações também têm versões tendo em conta a sua localização geográfica e forma como colonizador atuou na sua região. No período em que fomos alunos no ensino de base, foi muito notória a tendência do professor de História aplicar uma imposição sobre uma determinada versão da independência de Angola.

Em meados do século XX pode-se apontar como objetivos do ensino de história mais próximos ao espírito romântico a valorização do grupo nacional, da sua evolução social e política, a identificação de características comuns entre os membros do grupo e a exaltação de eventos fundadores e heróis nacionais (Pinto, 2017, p.52).

De todos estes discursos e representações sobre o passado, o Estado tem maior possibilidade de intervir no ensino de história nas escolas, já que os conteúdos a serem ensinados, em geral, são determinados pelas estruturas de governo. A escolha dos temas tratados e a forma de interpretação dos eventos pelo Estado legitima o que deve ser ensinado, lembrado e legado como memória às futuras gerações. Mesmo convivendo com outras representações do passado, a história escolar tem sido um meio de divulgação de uma memória histórica oficial construída de acordo com os interesses do Estado e com as visões de mundo difundidas por suas autoridades (Pinto, 2017, p. 60).

O governo angolano na necessidade de construir uma identidade nacional capaz de unir toda a diversidade populacional presente no país em somente um discurso nacional, trabalhou no estabelecimento de um ensino de história que pudesse colaborar com este objetivo e construir também o “Homem Novo” angolano, expressão presente no hino nacional. Portanto, a escola e, principalmente, o ensino de história contribuem para a moldagem de uma memória histórica oficial que dá base à identidade nacional ao identificar um passado comum aos angolanos (Pinto, 2017, p. 54).

Mas, quando estudamos a história dos reinos que se desenvolveram no território angolano nota-se a especificidade de cada povo que compõe Angola, havendo uma necessidade de explicar em aulas de História a diversidade de que compõe a nação angolana.

Os livros didáticos de história como lugares de memória, estes instrumentos da educação fornecem visões sobre o passado e a difundem, selecionando aquilo que as novas gerações devem compreender como elementos significativos do passado da nação. Os livros didáticos cumprem a vontade de memória, ou seja, a intenção de testemunhar sobre o passado da nação.

Tal como a memória, o discurso sobre o passado apresentado nos livros didáticos assume um estilo de discurso unitário e simplificado, que não permite a contraposição. Trata-se de textos que dificilmente são passíveis de contestação, pois expressam ‘uma verdade’ de maneira bastante impositiva (Bittencourt, 2011).

Os textos didáticos silenciam, omitem e esquecem diversos conteúdos que poderiam ser ensinados, mas que não são devido às necessidades do momento em que estes são produzidos.

Os livros didáticos são construções que podem não corresponder à realidade, dado os objetivos do processo educacional e as necessidades impositivas de seu tempo.

3.3 Algumas estratégias para o desenvolvimento do pensamento crítico na disciplina de História no Ensino Primário de Angola

Existem várias estratégias de ensino que podem levar para o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno, neste artigo apresentamos somente duas:

Estratégia 1. Aula em Grupo

Segundo Libâneo (2004), o método de trabalho em grupo tem como objetivo principal a cooperação entre os alunos na realização de uma determinada atividade no processo de ensino-aprendizagem. O grupo deve estar constituído por alunos de diferentes conhecimentos para que cada membro tenha a oportunidade de contribuir com suas habilidades intelectuais.

“O Trabalho em Grupo proporciona uma interação entre as pessoas a partir da qual elas tanto aprendem como são sujeitos do saber, mesmo que seja apenas pelo fato da sua experiência de vida; dessa forma, ao mesmo tempo em que aprendem, ensinam” (Riess, 2010, p.14).

Objetivo da estratégia: Criar intercâmbio de conhecimentos históricos entre os alunos e o professor sobre o nascimento de novos Estados Africanos.

Tema da aula: 6. África: O Nascimento de Novos Estados e o Presente.

Subtema: A luta pela Unidade Africana:

- a) O.U.A.¹;
- b) U.A.²

Participantes: Professor da 6^a classe e seus alunos da 6^a classe.

Lugar da atividade principal: sala de aula.

Duração: 60 minutos.

Métodos de ensino-aprendizagem: Expositivo, elaboração conjunta, seminário.

Sugestões Metodológicas: Criar dois grupos (A e B) antes da aula; a turma fica dividida em duas partes; dois grupos farão a leitura do subtema: A luta pela Unidade

¹ Organização da Unidade Africana.

² Unidade Africana.

Africana (De OUA à UA), mas nas exposições o grupo-A fica com OUA e o grupo-B fica com UA. Os alunos vão ler e pesquisar o conteúdo em casa durante dois dias e terão mais alguns minutos para cada membro do grupo abordar o conteúdo com seus colegas do grupo na sala de aula. Terminado os minutos de organização das ideias, o grupo-A faz a exposição da informação percebida durante as suas leituras, poderá escolher um ou dois membros do grupo para o fazer, auxiliados pelo professor. Os membros do grupo-B poderão fazer algumas perguntas no sentido de causar um debate e discussão durante a aula.

Terminado o debate e a discussão sobre OUA, o grupo-B também poderá fazer a sua exposição para posteriormente os membros do outro efetuarem as suas perguntas no sentido de gerar um debate e discussão que vai envolver os conteúdos referentes a OUA e UA.

O professor sendo orientador do debate e das discussões, poderá também fazer alguns perguntas ou constatações quando necessário. No fim dos debates e das discussões, o professor deve tecer algumas considerações.

Estratégia 2. Criação de Jornal Mural sobre a luta pela Unidade Africana (de OUA à UA).

Jornal Mural da disciplina de História é um instrumento didático criado pelos professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem no sentido ser exposto no espaço de comunicação da escola para transmitir informações ligadas a história de uma localidade, região, país etc.

Há uma necessidade de se desenvolver no contexto escolar, alunos críticos, autônomos e ativos no processo de ensino-aprendizagem que compreendam os conhecimentos através de sua vivência e de sua realidade. Desta forma, a disciplina de História ajuda no desenvolvimento da ação comunicativa dos alunos, ação esta, que sempre está presente em todos os momentos da formação do cidadão.

Objetivo da estratégia: Desenvolver as capacidades comunicativas dos alunos e consolidar os conhecimentos históricos sobre a unidade africana.

Tema do Jornal Mural: A unidade Africana (de OUA à UA).

Participantes: Professor da 6ª classe e seus alunos da 6ª classe.

Duração: 90 minutos.

É Ensinar a Pensar Criticamente a História de Angola ou Tramar a Consciência Nacional nos Alunos?

Recursos da atividade: cartolina, cola, esferográfica, lápis, lápis de cor, régua, folhas de resma A4 etc.

Lugares principais da atividade: Sala de aula e vitrina de informações para os alunos.

Métodos de ensino: Trabalho em Grupo, elaboração conjunta.

Procedimentos da atividade: No dia combinada da montagem do Jornal Mural, os alunos virão com seus manuscritos da pesquisa ou trabalho em grupo, com a orientação do professor poderão transcreve-los em outras folhas A4 com uma caligrafia um pouco mais cuidada, tendo em conta as retificações ortográficas feitas pelo professor no dia da aula expositiva e de discussões do conteúdo da Luta pela Unidade Africana (de OUA à UA). Para realização desta atividade é importante dar a conhecer a subdireção pedagógica para não haver embaraços no momento da execução da atividade na vitrina de informações para os alunos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fundamentos teóricos que sustentam o desenvolvimento do pensamento crítico no ensino-aprendizagem da disciplina de História, envolvem várias abordagens que chamam atenção aos professores de História no sentido de formarem cidadãos capazes de analisar, questionar e interpretar criticamente o passado para se perspectivar um futuro consciente e melhor. Estes fundamentos teóricos defendem processos de ensino-aprendizagem que levam a construção da consciência histórica nos alunos.

Alguns estratégias apresentadas para o desenvolvimento do pensamento crítico e da consciência histórica dos alunos na disciplina de História, com ajuda dos fundamentos teóricos descritos acima, poderão incentivar a criatividade do professor de História em adoptar mecanismo para que os alunos em suas aulas possam ser sujeitos do processo de ensino-aprendizagem da disciplina de História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Jefferson R. **Chauvinismo e extrema direita:** crítica aos herdeiros do sigma. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CARRETERO, Mário. **Construir e ensinar História**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- CERRI, Luís Fernando. **Ensino de História e consciência histórica**. Curitiba: Editora UFPR, 2011.
- CERRI, Luís Fernando. **Os objetivos do ensino de história**. Ed. Unioeste, 1999.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**.
- DEPARTAMENTO DO ENSINO GERAL, Ministério de Educação de Angola. **Programa de História 6.ª Classe**. Luanda: Editora Moderna, 2012.
- DEWEY, John. **Experience and Education**. New York: Macmillan, 1938.
- FISCHER, Ricardo Luís. O desenvolvimento do pensamento crítico por meio da razão na educação de jovens e adultos. **Caderno Intersabers**. v. 9 n. 23, 2020.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados**. 7 ed. São Paulo: Papirus, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, António Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MASS, Olmaro Paulo; SILVA, Pedro Almeida da. O ensino de história para desenvolvimento crítico em tempos de pandemia. **Revista Opinião Filosófica**, [S. l.], v. 12, p. 1–15, 2021. DOI: [10.36592/opiniaofilosofica.v12.1014](https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v12.1014). Disponível em: <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/1014>. Acesso em: 4 ago. 2025.
- MIDE, Luiz Gustavo Lopez. O conceito de nação no pensamento social brasileiro. **Almanaque de Ciência Política**, Vitória, vol. 6, n. 2, pp. 01-18, 2022.
- PERIM, Fabiana de Carvalho Ribeiro; ARAÚJO, Francielli Pires da Silva; TRINDADE, Mariana Coelho; MONTEIRO, Maria Regina Agostinho; FRAGOSO,

É Ensinar a Pensar Criticamente a História de Angola ou Tramar a Consciência Nacional nos Alunos?

Nágela da Silva Costa; BATISTA, Ramila Gomes Montes; BENEVIDES, Silvana Ribeiro; CARVALHO, Valéria Marvila. DESPERTANDO MENTES: a necessidade de pensamento crítico nas escolas. **Revista Foco**, [S. l.], v. 16, n. 10, p. e3342, 2023. DOI: 10.54751/revistafoco.v16n10-095. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/3342>. Acesso em: 5 ago. 2025.

PINTO, João Paulo Henrique. Identidade Nacional e Educação. A memória histórica angolana nos livros didáticos de história. **Boletim Historiar**, n. 18, jan./mar. 2017, p. 48-71| <http://seer.ufs.br/index.php/historiar>.


RENAN, Ernest “Que é uma Nação”. Conferência. **Revista Plural**, Sociologia USP, v. 4, pp. 154-175, 1997.

RIESS, Maria Luiza Ramos. **Trabalho em Grupo: Instrumento mediador de socialização e aprendizagem**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em Pedagogia) – Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história**. Brasília: Editora UnB, 2001.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira Dos Santos; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A Formação da Consciência Histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História. **Cad. Cedes, Campinas**, vol. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005.

Credenciais da/os autora/es

António Pedro Fernandes Maria. Doutorando em História pelo Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Licenciado em ensino de História pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Lubango (ISCED-Lubango), Mestre ensino de História da África pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda (ISCED-Luanda).  Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4767-5852> E-mail: ntonyangonga@gmail.com

Endereço para correspondência: António Pedro Fernandes Maria. Rua da Viração, Casa n. 204, Bairro CEP 65020-120, Cidade/estado. E-mail: ntonyangonga@gmail.com

Recebido: 08/08/2025.

Aceito: 05/03/2026.